ANNO 1.º — Sabbado, 5 de dezembro de 1908 — Numero 42

O DEMOCRATA

REDACTORES
Albano Coutinho,
Dr. Fernandes Costa, Dr. Samuel Maia
e Dr. André dos Reis

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ARNALDO RIBEIRO

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua Direita n.º 108

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	30 réis
Repetições	20 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

A derrocada d'um regimen

As muletas, as debeis muletas, a que actualmente se ampara essa coisa que para ahi se arrasta e se chama a monarchia portugueza, são o *analfabetismo* e, consequentemente, a inconsciencia d'uma grande parte da população, e a *conveniencia particular* d'uma irritante e devorista minoria que impunemente se arroga o direito de tutelar e explorar o paiz.

De mais sabem os tartufos que a compõem que a parte culta e conscientemente activa da nação, aquella que pensa, que lê, que raciocina, que labuta e não teme pressões, de ha muito se divorciou do regimen que, impenitente nos seus maleficios e criminosos intuitos, apressa com uma rapidez vertiginosa o termo final da sua dessorada existencia. E ousam ainda insurgir-se os corypheus da monarchia contra os republicanos só porque estes, tendo em outra conta os interesses e o futuro da Patria, reagem contra as suas infamias e protervias? Porque razão?! A resposta não é difficil: é que para tão conspicuos varões a monarchia é uma lauta meza sempre posta e bem provida de vitualhas, embora paga com o suor do povo que, analfabeto na sua maioria, mal enxerga a razão da existencia e necessidade d'um forte partido republicano.

Esse povo que tão reduzidos tem os horisontes da sua mentalidade já não é, felizmente, o das cidades—centros de maior cultura—mas sim esses escravos, esses servos da gleba das povoações sertanejas que os monarchicos, seus naturaes e encarniçados inimigos, condescendem em considerar cidadãos... sómente em epoca d'eleições.

A monarchia batida em toda a linha nos centros urbanos refugia-se, qual lobo acossado por implacaveis batedores, nas povoações ruraes, buscando n'estas o que pelos seus crimes ha muito perdeu no conceito da parte consciente do paiz. Quando um regimen, como esse que para ahi vemos estrebuchar, perde na capital d'um paiz a preponderancia que parecia sêr-lhe assegurada pelas dependencias a que mais ou menos dá motivo a coexistencia da côrte, do governo, da burocracia, da nobreza, da plutocracia e, em geral, de todos os parasitas sociaes que enxemeiam as grandes cidades, é porque esse regimen cambaleante tem fatalmente em si o germen da sua perdição, nada lhe valendo o derivativo de inconscientes e faceis manifestações, as mais das vezes arranjadas com os mesmos comparsas e o mesmo scenario por essas terreolas da provincia para engodo de papalvos e edificação da Historia.

Esse regimen tem inexoravelmente os seus dias contados e não ha milagres de Christo, nem sortilegios de Budha, Confucio, Satanaz ou Mahomet, com licença do prior da minha freguezia, que consigam subtrahil-o á sorte mofina que o espera. Mofina, disse eu! Miseranda, será talvez o termo, porque no dia em que elle desapparecer os seus pantagruelicos servidores, já não fariscando meza posta, serão os primeiros a cuspir-lhe na carcassa putrida e genuflectir perante o novo sol nascente, protestando lealdade, submissão, rubros sentimentos democraticos e muitas coisas adequadas ao momento, só para que o jejum não se protele mais do que seria conveniente para a integridade das suas funcções digestivas.

Os tartufos!...

Como eu os conheço! Como eu advinho o fervor do seu lealismo monarchico tão typicamente demonstrado após a gloriosa jornada de 31 de janeiro e o regicidio! Que o diga a realeza que, após tão tragicos acontecimentos, dos seus servidores só viu em volta de si. . . a sua lembrança. Nem um resquicio de gratidão ao symbolo que tanto os tem cumulado de favores e honrarias! Como, n'este particular, os cães são bem superiores em sentimentos nobres e altruistas a essa raça damnada de cortezãos e aulicos, rebotalho e deshonra do genero humano!

Não encontraremos n'elles, á certa, um coração bem formado, um cerebro bem calibrado, o seu physico poderá ser deformado por mingoa de desenvolvimento, mas não tenhaes duvida que, quanto a mandibulas e succo gastrico, a natureza foi para elles d'uma prodigalidade visinha da loucura. D'ahi as suas convicções puramente. . . estomacaes e *gamelescas* em materia de politica. D'ahi o seu scepticismo canalha perante tudo o que é nobre, justo e generoso.

Sómente para assombrar é que, a despeito das licções da Historia, os donos de tão repellentes creaturas não vejam o mobil da sua pseudo dedicação. E' que a vaidade, o orgulho inherente a certos symbolos é tal que não lhes permitte a clarividencia e o contacto com a realidade. Tem d'isto tudo o que é ficção e phantasmagoria. E a realeza é hoje, de facto, em Portugal uma authentica phantasmagoria.

Pois que lhe preste.

Aido de Cima.

Commissão Districtal Republicana

São por este meio convidados todos os seus vogaes effectivos e substitutos para uma reunião, que deve effectuar-se no domingo, 6, pela 1 hora da tarde.

André dos Reis.

COISAS E TAL

Ninguem contesta

N'um trecho d'homenagem ao snr. D. Manoel, publicado no *Campeão das Provincias*, o empregado do governo civil Marques Gomes diz-se o *ultimo dos aveirenses*.

Não ha duvida.

Até hoje, que se saiba, ainda nenhum dos nossos patricios, a não ser elle, foi accusado de defraudar o thesouro publico applicando nos passaportes séllos lavados, alguns dos quaes se deu pressa a engulir no momento em que lhe era passada busca á repartição.

Por isso o alcunharam de *Papa-séllos* e muitos lhe viram as costas, como se faz aos desqualificados.

Acordos ... e acordos

A proposito da coligação eleitoral feita ultimamente no Porto para combater os republicanos e em que entraram os *dissidentes*, escreveu o *Mundo*:

Teve hontem o «Dia» o mau gosto de defender a colligação eleitoral de todos os partidos monarchicos do Porto, incluidos os dissidentes, alegando que colligações eleitoraes se fizeram sempre, sem quebra de principios dos colligados.

Sim, sempre se fizeram, em toda a parte, colligações eleitoraes entre partidos de principios oppostos, conjugados, na occasião, por interesses communs. Mas nunca se fez uma colligação como essa do Porto.

Fazem-se colligações eleitoraes, em regra, de partidos de opposição contra os partidos do governo.

Mas aquella do Porto, foi outra musica.

Os dissidentes são contra os franquistas que combateram corajosa e valentemente, ao lado dos republicanos.

Os dissidentes são contra os *desnacionalistas* que os odeiam tanto como aos republicanos.

Os dissidentes são contra os *rotativos* que consideram dissolventes e perturbadores.

Mas os dissidentes colligaram-se no Porto com os franquistas, com os *desnacionalistas*, com os regeneradores e com os progressistas—contra os republicanos, os seus companheiros de hontem, nas luctas em favor da Liberdade.

Não faz sentido. Nenhum sentido.

Foi uma incoherencia—uma immoralidade.

Os accordos eleitoraes justificam-se pela communidade de interesses legitimos. Esse, do Porto, não tem nenhum interesse legitimo a justifical-o. Nenhum.

Foi uma vergonha para o partido que pactuou com os seus adversarios, e foi uma desillusão para os que acreditavam na intransigencia de principios d'esse partido.

O que só lamentamos é a ingenuidade do *Mundo*.

O snr. Alpoim, collega, hade ser sempre o snr. Alpoim, convença-se.

Hoje, como hontem, o emerito jogador de pião... de dois bicos...

Significativo

Lê-se em varios jornaes:

O snr. ministro das obras publicas mandou proceder, com urgencia, ás reparações de que carece o convento de Jesus em Aveiro.

Depois da visita do rei, isto, que ahi fica, chega a ser mais que significativo: é symptomatico.

Não ha dinheiro para as estradas que estão em misero estado, quasi intransitaveis; não se acabam obras como a do edificio do governo civil principiado, talvez, ha mais de 15 annos, mas em compensação nunca elle faltou nem falta, pelo que se vê, para os arranjos constantes de conventos, egrejas e capellas.

Ou não possuissemos nós uma santa rainha...

Sempre impagaveis

Pelo governo civil foi na quarta-feira mandada distribuir pelas pessoas gradas da terra, a seguinte circular:

Participo a V. Ex.ª que Sua Magestade a Rainha D. Amelia passa na estação d'esta cidade ás 6 horas da tarde d'hoje, guardando rigoroso incognito, mas recebendo manifestações de caracter particular.

(a) *Joaquim Simões Peixinho.*

Parece que S. M. ficou muito penhorada com esta forma de manifestações, pois que estava só acostumada a receber d'ellas, officiaes.

O gosto é inteiramente desconhecido...

Fallando como gente

O snr. Agapito Rebocho convidado a collaborar no supplemento ao *Progresso d'Aveiro*, de homenagem ao snr. Gustavo Ferreira Pinto, escreve:

Quem em Aveiro não conhece este respeitavel cavalheiro ? !

Politico intransigente procura sempre que póde *ferir os adversarios*, etc.

A prenda já nós lh'a conheciamos; mas o que nunca imaginamos é que os seus amigos mais intimos viessem fazer alarde d'ella.

Cá archivamos.

Não vae assim

O *Districto de Aveiro* pretende fazer acreditar que lavra grande dissidencia no seio do partido republicano local por causa de certos factos que se deram no dia da visita do rei a esta cidade e acrescenta que alguns dos nossos mais cotados correligionarios se vão riscar das fileiras em que assentaram praça.

O collega, com certeza, está a sonhar.

Vêr a 4.ª pagina.

O REI EM AVEIRO

Chegada e cortejo

O comboio real chegou á estação de Aveiro pelas 10 horas e meia da manhã. Na gare só se encontrava o elemento official, camaras do districto com seus estandartes, administradores dos concelhos e mais auctoridades civis e eclesiasticas, pares do reino e titulares, etc, etc, por quem o sr. D. Manoel foi recebido com vivas e palmas. Apenas o rei desembarcou organisou-se o cortejo por entre compactas alas de povo, a custo contido pela policia e guarda municipal. A guarda de honra era feita por um esquadrão de cavallaria e outros contingentes. No cortejo incorporaram-se as numerosas bandas de musica que se encontravam na cidade, camaras, titulares, associações e collectividades, bombeiros de Aveiro e Espinho, trens e muito povo que cheio de curiosidade disputava a dianteira, difficultando a organisação do cortejo e impedindo a sua ordem.

A' frente do carro real marcha a academia de Aveiro, reforçada com collegas do Porto e Coimbra, soltando estridentes e agaiatados vivas. No estribo vai o sr. dr. Jayme Silva, então presidente do senado aveirense, banda a tiracolo, animando com sua voz cavernosa as frias gentes e sempre prompto a defender o régio vizitante d'algum attentado... feminino.

O povo não acclama. Estende a cabeça e move-se para vêr o moço rei que enverga a farda de generalissimo e ostenta vistosas condecorações, ganhas umas no campo de batalha, outras alcançadas com os seus muitos serviços á Patria e á Humanidade. Ao lado do rei, vai o sr. Ferreira do Amaral, bocejando. As senhoras nas janellas embandeiradas, donde pendem ricas colgaduras, acenam com seus lenços, brancos como as azas das pombas, soltam vivas e dão palmas, espandindo os enthusiasmos de suas almas facilmente impressionaveis.

Despejam-se cestos e cestos de petalas sobre a cabeça loira do joven reinante e sobre a fronte negra e envelhecida do lobo de mar que o acompanha. Apressa-se o andamento da carruagem, que seguida pela cavallaria, passa aos olhos do povo como uma miragem fugaz e illusoria.

Apeia-se o rei e a comitiva na egreja de Jesus, onde se realisa o Te-Deum. Entram os convidados e pessoas de representação com suas casacas escovadas e fardas reluzentes. O povo fica emprezado ás entradas da rua, onde se estendem as tropas, pela policia de Lisboa e Porto. *Os luxos religiosos não são para a canalha.*

Em Jesus—O Te-Deum

O Te Deum entoado pelo sr. Bispo-Conde, que tendo chegado no comboio real não seguiu o cortejo, foi cantado pelas vozes estioladas, como a larica dos altares, das religiosas do convento de Santa Joanna.

O sumptuoso templo, primôr d'arte que parece tecido d'um novêllo de ouro, estava adornado com uma simplicidade encantadora. Pêna nos fez vêr tal belleza a cobrir tanta mentira. Mas temos de aparentar ingenuidade, e impondo reverencia á nossa alma de profano em tão reaes regosijos, passámos com a comitiva aos claustros. Alli era a majestade aguardada pelas madres com todas as educandas vestidas de azul e branco que atiram flôres, soltam vivas bem ou mal ensaiados e cantam, com afinação, o hymno da carta e outros canticos lythurgicos de uzo interno e externo.

E' bonito o aspecto do claustro e das creanças, por entre as quaes assomam cabeças de freiras, como espectros d'um passado indigesto e tenebroso no meio d'um trigal illuminado, em que desmaiam papoilas côr de sangue... A galante menina Maria do Ceu da Cunha e Costa, recíta intelligentemente uma mimosa poesia de Antonio Correia de Oliveira. Todos aclamam a gentil *diseuse.* Depois d'uma curta vizita ao interior do convento, onde se admiram algumas preciosidades como o tumulo da filha de D. Affonso V e a sua capella, o sr. dr. Joaquim Peixinho, com o sr. Francisco Freire ao lado e mais directores da irmandade da Santa Joanna, entrega uma mensagem ao rei, pedindo dispensa da leitura, no que andou com muito senso. Resumindo em duas palavras o seu conteudo, convidao sr. D. Manoel a acceitar o cargo de prior honorario ou cargo equivalente, ao que o régio vizitante acéde com jubilo.

A' sahida do convento repetem-se os canticos; as meninas dizem os vivas em compasso binario, as senhoras e as freiras aclamam estrondosamente, empurrando os convidados, amolgando-nos as costas com seus delicados encontrões e calcando impiedosamente umas creancinhas postadas no atrio para atirarem flôres. Uma madre afflicta, suplíca que não esmaguem as pequeninas que choram. Uma d'estas, muito nervosa, agarra-se-nos ao pescoço banhada em lagrimas. Passámos algumas, ajudado por um monarchico, para cima d'um banco e defendemos as outras quanto podemos, não sem sentirmos nas costas todas as doces sensações de punhos e cotovellos desalmados, sensações tão doces que no dia seguinte nos obrigam a uma fricção de alcool e parches de arnica.

A' freira que nos agradece comovida respondemos: «é para que v. ex.ª saiba que os republicanos não são tão maus como os pintam». A madre fica embasbacada e nós sahimos dando um beijo na mais pequenina d'aquellas innocentes.

O almoço

O rei segue para o palacete do snr. dr. Jayme Lima, ao Carmo, onde se realisa o almoço offerecido com aquelles fallados 150$000 reis da Associação Commercial, que tantos sacrificios custaram ao snr. Domingos Leite e mais socios.

No largo municipal os operarios e operarias da fabrica da Vista-Alegre, musica á frente, cantam, em orpheon o hymno da carta, dando ás suas notas todo o enthusiasmo (sic) das suas almas de salariados sem liberdade.

Em frente ao palacete, toca a banda dos marinheiros e no interior a banda do 14.

Como aqui não fizémos uzo do nosso bilhete de imprensa, não sabemos tudo o que se passou no almoço.

Consta-nos que o snr. D. Manoel e o snr. Ferreira do Amaral (Makavenko) apreciaram muito a sôpa de caldeirada,os mexilhões, enguias assadas e mais petiscos da terra, bem como os magnificos dôces da confeitaria Mourão,da Costeira.

Cá fóra a academia soltava vivas e na rua comprimia-se uma grande multidão que não havia meio de se enthusiasmar.

Surge na varanda a figura collossal do snr. Bispo Conde, com suas purpuras de antistete. O snr. Marques Gomes engolindo á pressa o resto d'uma lampreia, solta um viva a que a academia corresponde com enthusiasmo e a multidão com um surdo e mal contido—ah!

Causou a todos espanto a frieza do povo, até mesmo quando o radioso monarcha chegou á janell,a o que levou um policia de Lisboa, cujo numero aqui temos apontado, a dizer para outro—«estes não são dos melhores. Para vivas os de Braga. Isso é que é gente para tudo. Aqui estão mal ensaiados!»

No fim do almoço o rei vizitou o quartel, onde foi inaugorado o seu retrato.

O commandante, snr. coronel Antonio Ernesto da Cunha, que nos recebeu com toda a amabilidade, fez a apresentação dos officiaes. Na parada tocava a banda do 23.

O rei e a comitiva admirou o edificio e seu estado de acceio, bem posto á vista pela nudez das paredes e tomaram depois logar em automovel, dirigindo-se para a Barra.

Na Barra.—O passeio fluvial

Acompanhados por muitos barcos e automoveis chegou á Barra o rei,onde era aguardado por uns quatrocentos cyclistas que lhe entregaram uma representação pedindo a abolição do iniquo imposto sumptuario sobre as bicycletes. Depois de uma curta volta, tomou logar no barco que lhe estava destinado que seguido por outros com bandeiras, sulcou as salsas aguas da ria, puchado por um rebocador.

Em frente da ponte da Gafanha havia algumas dezenas de barcos com povo, convidados, senhoras, academia, asylos etc., etc. que seguiram na esteira da barcaça real.

A ria apresentava então um aspecto imponente.

Dos barcos partem aclamações a que o snr. D. Manoel corresponde com acenos de cabeça e continencias.

Tocam as musicas; as meninas da Normal deitam flôres e algumas d'ellas, misturadas com vivas, dizem tolices que os professores ou paes deviam reprehender como indecorosas, improprias de futuras educadoras, e o cortejo aproxima-se das Pyramides.

D'um lado e de outro ha milhares de pessoas. O espectaculo é de tal modo grandioso e empolgante que o povo, com sua alma de meridional, que os aspectos imponentes e festivos deslumbram, solta vivas e aplaude.

Acende-se então, em face d'aquella vista original e incontestavelmente bella, um bocado de enthusiasmo.

Ao desembarque, a scena é soberba. Desejariamos nós não ter nenhuma dôr, nenhuma amargura, nenhum motivo de indifferença e alheação para poder gozal-a como a turba inconsciente e sonhadora.

Na camara.—Jantar aos pobres

A magestade dirigiu-se acto continuo aos paços do concelho onde o snr. dr. Jayme Silva, então presidente da camara, leu uma mensagem. Rei agradeceu, collocou ao peito do barqueiro Roque a medalha de philantropia, D. Maria II, e tendo descerrado com a ponta da espada o seu proprio retrato, sentou-se no throno alli armado, desfillando em sua frente os seus subditos muito leaes e reverentes.

Soltam-se vivas. Viva o rei das esperanças! viva o rei da mocidade! e um padre deita este—viva o rei monarchico!

Ao lado do throno, o Miguel e outros empregados camararios faziam de candelabros, segurando vellas de stearina para allumiar a scena, e depois de algum descanço, o snr. D. Manoel passa á salla do tribunal, onde se realisava o jantar aos presos.

Chega a uma janella e acêna com o lenço para a multidão que o acclama.

Ceremonia tocante. As meninas azues do convento de Jesus cantam os seus hymnos acompanhados a pianno-orgão. O meritissimo Juiz dr. Ferreira Dias, tendo a seu lado o digno delegado dr. Jayme Faro e empregados do tribunal, lê uma curta mensagem saudando o rei; essa mensagem sensata e simples, talvez não agradasse a muitos espiritos balôfos por ahi se não fazer um curso de direito, nem expôr ao reisinho todas as doutrinas criminalistas, theoricas, juridicas e praticas forenses, o que não deu logar ao sabio monarcha a evidenciar a sua proficiencia no assumpto.

Em baixo as creanças das escolas primarias cantam horrivelmente, sem regencia, nem acompanhamento, o hymno da carta.

No lyceu. — Duas mensagens e um jantar

Passou a comitiva ao lyceu. Vivorio da academia, presidente em riste, de mensagem em punho.

Lê o snr. Reitor do lyceu, uma mensagem, talvez forte de mais, e o snr. presidente da academia, outra, muito religiosa e temente a Deus.

Depois de varias manifestações de enthusiasmo e do snr. D. Manoel descançar sobre uma cadeira algum tempo, deu-se começo ao jantar offerecido pelas camaras do districto, que correu bem e animado.

O snr. presidente da camara faz um brinde, a que o rei responde com um nariz de cêra que todos julgaram, sem discussão, um primor litterario e um documento politico valioso.

Tocam as muzicas nos coretos armados pelas ruas e estão acesas as illuminações, algumas das quaes de bonito effeito como a da ria.

O fogo de Vianna. —Marcha aux flambeaux

Ao sahir do banquete, a que assistiram as camaras, elemento official e convidados, soltam-se vivas, mas o enthusiasmo da multidão tem afrouxado muito.

O rei dá uma volta pela praça do peixe. Queimam-se os vistosos bouquets de fogo de Vianna e põe-se em marcha para a estação, seguido por uma marcha *aux flambeaux,* á pressa organisada, em que levam balões e fogachos os infalliveis estudantes, asylo-escola, cantonelros e recrutas.

Muitos carros, bombeiros, muzicas e povo e o rei entra na gare onde só é permittida a entrada ao elemento official.

Fazem-se as despedidas e o snr. D. Manoel, do comboio, solta um viva á cidade e ao districto de Aveiro, a que outros correspondem.

Parte o comboio real e terminam as festas.

Notas

Houve incendio em uma casa no Rocio, que felizmente não tomou grandes proporções, apezar da demora dos soccorros.

—Pelos calculos da Arcada, deviam assistir ás festas 25:000 pessoas.

—Durante o passeio fluvial cahiram á agua tres homens, sendo promptamente salvos.

—Algumas casas particulares ostentaram ornamentações e luminarias.

—Distinguiam-se as illuminações a gaz do Club dos Gallitos, Camara e Escola Industrial.

—O serviço de policia foi superiormente dirigido pelo tenente snr. Feijó Teixeira, auxiliar do corpo de policia de Lisboa, official muito distincto, de uma amabilidade captivante para todos e extremamente attencioso para os representantes da imprensa.

—Pela policia de Lisboa e Porto foram presos alguns conhecidos gatunos.

—Não houve durante as festas o menor incidente desagradavel.

—Resta-nos agradecer aos membros da commissão das festas a sua gentileza para comnosco, proporcionando-nos a assistencia a todos os numeros e tratando-nos sempre com toda a cortezia e defferencia.

DR. ANTONIO DUARTE E SILVA

O semanario *Leiria Illustrada,* acaba de prestar tambem homenagem a este nosso amigo e dedicado correligionario, inserindo no logar d'honra o discurso proferido no comicio de Cacia, que aqui publicámos na integra, e publicando-lhe o retrato que faz acompanhar das seguintes judiciosas palavras:

O «Leiria Illustrada» tem hoje o prazer e a honra de apresentar aos seus leitores a photogravura do sacerdote e advogado o dr. Antonio Duarte Silva, aveirense por nascimento e republicano de crenças sinceras.

N'outro logar da nossa folha—o logar de honra, vae inserto o seu ultimo discurso, onde refulge a alma d'um christão em perfeita harmonia com os principios republicanos que tão eloquentemente preconisa.

O eloquente orador sagrado que deve todo o seu renome á perseverança do seu trabalho e da sua intelligencia, ao falar na tribuna d'um comicio republicano, em Cacia (Aveiro), empolgou a multidão que o escutava attenta, imprimindo-lhe energia e generosidade para as suas aspirações de justiça, para as suas reivindicações.

Atacando a tyrannia e os hypocritas o padre Duarte Silva teve rasgos de verdadeira, de empolgante oratoria, arrancando freneticos applausos a todos os que o escutavam. Com sinceridade, com clareza, com ardor o dr. Duarte Silva conseguiu impôr-se ao respeito dos proprios adversarios.

Bem haja o bondoso e altivo padre Silva.

Ao collega os nossos agradecimentos.

Martyr e... martyr

Uma menina, em Aveiro, sabendo que a loucura realenga, que invadiu as cabeças dos paes e mães, permitte todas as reaes immoralidades e asneiras que as meninas queiram dizer, á passagem do sr. D. Manoel deitou esta nas bochechas da familia:

—Quem me déra cobri-lo de beijos e morrer nos seus braços!

Outra menina com a cabecinha feita em agua, não queria os braços, queria só *morrer com elle, mesmo debaixo do automovel!*

Façam favor de não rir; isto, que é symptomatico, é verdadeiro.

Clemente Nunes

Bastante melhor dos seus incommodos e depois de ter passado alguns mezes no continente, seguiu no dia 1.º com destino a Lourenço Marques, em companhia de sua familia, o nosso presado amigo e collega do *Progresso de Lourenço Marques,* sr. Clemente Nunes de Carvalho e Silva.

Que faça muito boa viagem e que a vida lhe corra perenne de felicidades n'aquellas longinquas paragens, é o que sinceramente lhe desejamos.

REPAROS

Sou pai, sou portuguez e sou republicano, e, como tal cabe-me o direito e o dever de protestar contra a maneira deshumana e indelicada como foram tratadas as creanças das escolas publicas e internadas dos asylos nas festas realengas; contra a desconsideração feita aos professores de nossos filhos, e contra a falta de respeito manifestado para com a escola primaria que nós, os republicanos, temos obrigação moral de levantar á altura que ella deve occupar na sociedade, quando amesquinhada por especuladores, se quizermos educar o cidadão nos principios democraticos e no respeito pelas instituições que mais podem concorrer para o progresso do ideal republicano.

Precisamos de sair do platonismo em que jazemos sem proveito para o progresso da democracia, e caminhar no campo pratico onde tanto ha a fazer e tão pouco se tem feito, em Aveiro onde o partido republicano não tem correspondido á missão que se arrogou, porque ainda não procurou seguir o exemplo e a orientação de outras localidades em que se tem trabalhado com

amor e afinco em tudo quanto pode favorecer a organisação partidaria e a conquista de novos elementos de propaganda por mais insignificantes que pareçam, mas que conjugados constituem forças que não devem desprezar-se.

Se m'o permittirem, farei para outra vez, considerações que suponho judiciosas; por agora vamos ao caso que me trouxe a visitar *O Democrata*, se me consentirem a visita em qualquer compartimento da casa.

Quando ás 6 horas do dia 27 as creanças desciam do atrio da casa da Camara, ouvi a todos os professores e professoras que acompanhavam os alumnos, palavras de protesto e indignação contra a maneira como tinham sido tratados não só elles e as creanças, mas a collectividade de escola que ali representavam.

Indaguei do motivo de tal indignação e obtive informações que reputo seguras.

Para desempenhar o numero do programma em que se annunciava o côro cantado por 600 creanças das escolas do concelho, foram convidadas as escolas da cidade, Esgueira, S. Bernardo, Verdemilho e os asylos. Interrompendo os trabalhos escolares, em dias successivos, reuniram-se professores e alumnos na escola da Vera-Cruz e no asylo, onde sob a direcção do professor J. Casimiro se fizeram os ensaios do Hymno Nacional, Hymno das Escolas, Hymno da Bandeira e mais outras canções, devendo tudo ser cantado com o concurso da banda do asylo que era parte indispensavel na execução e que para tal fim fez ensaios com a pequenada.

Trabalhou-se emfim para que o resultado merecesse as honras de agradar.

Antes da hora marcada no programma, apresentaram-se no Largo Municipal, professores e alumnos para tomar logar no atrio da casa da camara, unico local onde podiam manter-se, livres da multidão, as 600 creanças, e que para tal fim havia sido indicado.

Mas ahi os esperava a primeira decepção.

A commissão embebecida com outros numeros do programma, ou antes ligando pouca importancia ás escolas officiaes cujo concurso havia sollicitado, não tinha dado ordens para que as creanças occupassem o local combinado.

Vencida esta primeira difficuldade, sem o auxilio de qualquer membro da commissão, pois que nenhum appareceu, lá se acommodaram as creanças, empilhando-se como sardinhas em canastras.

O tempo ia passando e a fanfarra, perdão, a banda do asylo não apparecia. Os professores e alumnos ainda tinham de passar por outra decepção e esta agora tinha de ser mais deprimente, porque era a prova de nenhuma consideração que as escolas mereciam aos *reiseiros* e a falta de respeito pelo compromisso tomado tacitamente no pedido que se converteu em ordem desde que foi communicado pelo sub-inspector.

Alguem informou que a fanfarra, perdão, a banda do asylo tinha ido tomar parte no passeio fluvial e viria muito tarde ou não vinha: com effeito não veio.

E aqui está como um numero do programma que poderia ser um dos mais bonitos, apesar de ser uma imitação grosseira e uma exploração feita com creanças, mas admissivel, por que era uma manifestação de creanças a uma creança, redundou n'um ridiculo fiasco a que ficaram expostos professores e alumnos.

De ahi vinha a causa da indignação e protestos dos professores que com certeza não foram nem serão ouvidos por quem tem obrigação moral de os desaffrontar do procedimento incorrecto que para com elles houve, e de velar pelo respeito devido ás escolas confiadas á sua guarda e cujo progresso moral e material tem de promover.

As creanças ali estiveram de pé durante 4 horas, longas como seculos, e com ellas os professores que as não abandonaram nem se atreveram a pagar com uma grosseria a grosseria com que eram tratados.

Quem deu ordem para que a musica do asylo tomasse parte no passeio fluvial?

O snr. presidente da camara, dr. Jayme Duarte Silva?

Talvez s. ex.ª se tivesse esquecido das ordens dadas anteriormente, preoccupado em estudar o papel de estribeiro que lhe tinha sido distribuido.

Não conheciam os snrs. director e sub-director do asylo e o snr. regente da banda o compromisso que haviam tomado?

Conheciam de certo. E, se qualquer d'estes cavalheiros ponderasse ao snr. presidente que a musica tinha de tocar com as creanças das escolas e que era uma violencia obrigar as creanças a tocar no passeio fluvial, estou convencido de que s. ex.ª fazia manter as ordens que primeiro havia dado, porque lhe era facil arranjar banda que fizesse o serviço do rio e aproveitava a occasião de dar aos educandos do asylo uma lição moral, dando-lhe o exemplo do cumprimento da promessa feita, e impedia que os rapazes fizessem um trabalho penoso superior talvez ás suas forças.

Se os snrs. dirigentes do asylo não fizeram a observação que o bom senso e a propria dignidade aconselhavam, não sei como possa explicar o caso; a não ser com a vaidade de ostentar miserias de harmonia ou o proposito de magoar e amesquinhar os professores e alumnos das escolas primarias. Se foi este o fim, conseguiram-n'o, porque a creançada cantou n'uma desordem indescriptivel o que não devia deixar no espirito dos forasteiros ideias muito lisongeiras do sentimento esthetico dos aveirenses.

E o snr. sub-inspector que tão prompto foi em acceder ao pedido da commissão e tão pontual em assistir aos ensaios, que providencias tomou para dar ás escolas a satisfação que lhes é devida?

Sei que s. ex.ª não se dignou apparecer aos seus subordinados no atrio da casa da camara, nem antes nem depois do ridiculo a que os expôz.

Este procedimento deve ter maguado os professores que não mendigaram a cooperação na festa e que a ella se associaram em virtude de ordens recebidas que não podiam discutir nem desatender.

E os snrs. professores como se justificam da estopada que fizeram apanhar aos alumnos, se não fizerem cair as responsabilidades sobre quem as deve assumir?

E' preciso reagir contra a especulação de que são victimas e desmascarar os exploradores e os sabujos. Para escarnecer basta o miseravel ordenado com que se pretende pagar os serviços que prestam ao paiz, quando crassamente ignorantes e supinamente estupidos se locupletam com fortes proventos a titulo de serviços que não podem prestar.

Aguardo o procedimento dos professores para depois dizer de minha justiça.

Por agora declaro que nunca mais os meus filhos tomarão parte em festas onde sejam indecorosamente tratados e que n'esse sentido farei a propaganda que entender, porque tenho muito quem me auxilie.

E' tempo de acabar com o ludibrio de que o povo é victima.

A. S.

Novo jornal

Annuncia se para breve o apparecimento de mais um jornal n'esta cidade de que será proprietario e redactor o sr. dr. Jayme Silva.

Naturalmente assenta arraiaes no grande partido... das conveniencias.

Cá o esperamos.

Intrigas e má lingua

Diz-se:

—que ha ahi um jogo de cartas interessante;

—que uma d'essas cartas causou calafrios ao snr. governador civil no dia da vizita régia, por lhe annunciar um attentado;

—que essa carta não era de nenhum engraçado de mau gosto, mas de um libertario a valêr;

—que alguns membros da commissão das festas ao rei teem recebido cartas de alguns lealistas, lembrando a sua dedicação e o seu enthusiasmo durante a vizita régia;

—que ha cá menino que se diz muito monarchico, que por 31 de janeiro andava enthusiasmado com a revolução e de que se dizem outras muitas coisas más;

que esse e outros meninos devem ser mais comedidos nas suas expansões monarchicas e não calumniarem tanto alguns republicanos;

—que se continuarem nós poderemos fallar;

—que ha sujeitos que accusam os republicanos de serem inimigos da religião, quando esses taes sujeitos teem sido causa de escandalos graves presentes e passados em religião;

—que uma carapuça de que nós fallámos não apparece tão cedo, porque o ponto tomou mais juizinho, como lhe haviamos aconselhado;

—que alli perto da casa do snr. Felix, na rua Direita, ha uma cooperativa de vinhaça e pão-trigo que abriu na ultima segunda-feira;

—que o snr. Gustavo é o seu patrono e protector e o Moreirita socio honorario;

—que todas as vezes que houver distribuição de pão-trigo e vinhaça haverá manifestação ao snr. Gustavo e vice-versa;

—que um jesuita celebre e de poucas simpathias em Aveiro, tenciona vir ahi fazer conferencias religiosas para prejudicar as festas a José Estevam;

—que alguns liberaes de Aveiro sabem dos manejos jesuiticos na cidade e os não contrariam.

A CRUZ

Não se dignou o sr. Bispo honrar nossos olhos profanos de excommungados, nem esta terra de maçonicos com a vista da celebre cruz peitoral que pertenceu á Sé de Aveiro. Porque seria? Que diabo! pois leva a cruz ao Porto, ostenta-a na recepção do palacio dos Carrancas, onde causou assombro pela sua riqueza e não a traz ás festas regias a Aveiro!

Pois olhe, sr. Bispo, o povo de Aveiro gostaria muito de lhe vêr a prenda.

NOVA CAMARA

Tomou na segunda-feira posse a vereação ultimamente eleita para gerir os negocios do municipio, motivo porque estiveram em festa n'esse dia os poucos apaniguados do sr. Gustavo Ferreira Pinto que, ainda assim, mostraram quanto valem em dedicação e idolatria por S. Ex.ª

A' maneira do que fez o sr. dr. Peixinho no dia da festa das lapides, foram convidados para uma manifestação *espontanea* os lavradores dos logares circumvisinhos, que, a troco de meio quartilho de vinho, ahi se apresentaram á frente d'uma musica a saudarem o snr. Gustavo, ao mesmo tempo que no espaço estalejavam algumas duzias de foguetes com que os seus aulicos lhe quizeram tambem mimosear os ouvidos, um pouco tapados já pela edade.

Como nem podia deixar de ser, foi uma manifestação *imponente* tanto pelo numero como pela qualidade dos amigos que o vieram felicitar de longes terras e que á tardinha regressaram a penates, singrando por essas estradas fóra, depois da bacalhoada servida na antiga cocheira da Corredoura e regada a canecas de *briol* que, afinal, foi a unica coisa que cá os trouxe.

O dia de segunda-feira foi, pois, um dia cheio não só para o snr. Gustavo, que se vê novamente no galerim que tanto ambicionava, mas tambem para a maior parte dos seus admiradores que, á guisa de joguetes, o vieram cumprimentar com a mesma facilidade com que ámanhã são capazes de lhe apedrejarem a casa.

A questão está em lhes chegarem ao bico...

A FESTA REALENGA

O meu visinho João Alguem é um ingenuo phylosopho, temente a Deus e resignado com a triste vida.

Possue apenas uma casita á beira da estrada, com um quintalorio de alguus palmos de chão, o que lhe custou vinte annos de trabalhos e canceiras. Inda o sol vinha em casa do Senhor e já elle estava agarrado á enchada, cavando o seio fertil da Terra, ou pelos quentes dias de verão ou quando a geada enregella os musculos pelas manhãs tristes d'inverno.

Ha mais de vinte annos casou com uma moçoila d'aldeia, de cujo auspicioso consorcio, apezar de não ter laudatorios artigos nas gazetas, nasceu um casal, uma rapariga hoje casadoira, de faces côr de maçã camoeza e um rapagão d'aqui a pouco a entrar nas sortes.

Ora a 27 do mez passado o tio João Alguem tinha ainda a parreira por podar, mas, em conciliabulo familiar da vespera, á lareira, emquanto se cosinhava a magra ceia, foi resolvido a parreira esperar mais um dia pela póda e toda a familia ir á cidade á espera do rei.

João Alguem opinava que não valia a pena perder um bello dia de trabalho, de bom sol creador, mas a filha que queria mostrar as suas arrecadas de pedras falsas e o seu coração d'oiro em filigrana, tirou da algibeira um retrato de D. Manoel, gravura de modico preço de dez réis, como qualquer Borda d'Água, e um pouco amuada declarou que se não visse tão lindo *anjinho* morreria de pena. A mãe, a tia Maria, foi da opinião da filha e o rapaz, que esperava conversar com a namorada nas festas juntou o seu voto ao d'ellas, de tal maneira, que o tio João Alguem, para fazer a vontade á familia e não ter de abanar ao jantar, resolveu tambem ir vêr o rei.

Alta manhã a rapariga já serigaitava pela casa e João Alguem vestiu uma camisa lavada, envergou a jaqueta de vêr a Deus e depois de ter comido, com uma fatia de borôa, duas sardinhas assadas e saboreado uma caneca do *parreirol* sentiu-se apto a marchar para a cidade a assistir ás festas.

A estrada ia cheia de gente, em ranchos alegres, e das povoações mais distantes *traquitanas* passavam, com aldeãos comprimidos como sardinha em canastra, gritando «*viva a pandega*» na alleluia do claro sol d'aquelle dia de inverno.

Um *landau* passa na estrada. *Pelo trotar da carruagem vê-se quem vem na aragem* e o tio João Alguem, que fazia alguns palmos de terra d'um illustre e illustrado *commendador*, grande cacique local, boa pessoa, de resto, perfilou-se á beira da estrada, chapeu na mão, a vêr passar Sua Excellencia, que de claque engraxada e com a traça da casaca coberta a tinta de escrever, lá ía a mail-a a familia prestar a sua homenagem á Magestade, a quem familiarmente tratava por Manoelsinho, em ternura fetichista pelo pallido moço, a quem o mau destino fizera rei d'este bom povo portuguez.

Accenou risonho ao Alguem e passou, ao trote largo dos cavallos, muito entalado entre os collarinhos *de ida e volta*, que lhe congestionavam um pouco a face.

Um *char-à-bancs* passa earregado de *musicos*. O bombardino, no tejadilho, toca alguns compassos da *Marselheza* emquanto os outros em grita dão vivas *á rapioca!*

João Alguem vê-os passar e na sua phylosophia ingenua, vae-se rindo d'aquella pandega e, como tem ido um pouco á pressa e sente camarinhas de suor pela testa, resolve-se a entrar em uma taberna a beber dois decilitros do novo

Abancam já varios freguezes e um *demagogo* de cacete, em mangas de camisa declara peremptoriamente, que antes queria beber meio litro do que ir vêr o rei, um homem como os mais, afinal, mas que, n'um dia só, comia mais que toda a sua freguezia n'um mez.

João Alguem, que não sabia lêr nem escrever, mas que sabia muito bem contar pelos dedos, pagou o vintem de vinho de que bebera elle e o filho, emquanto a mulher e a filha, á porta, enguliam tremoços e, estrada fóra, veio a ruminar n'aquella historia do *demagogo*.

E então, o moço rei, franzino e anemico, tomou na sua imaginação a fórma d'um Moloch devorador, engulindo com a camarilha, os trabalhos, as canceiras de todos os que, como elle, arroteavam a terra, amassando com o proprio suor a trigueira borôa das magras refeições, comidas no rapido intervallo da sua labuta.

Mas a primeira rua da cidade surgia, de mastros engalanados, escudos de papelão entre paus pintados de azul e branco, e a phylarmonica de Mira, soprava com força no latão dos instrumentos o hymno da Carta, *divinal constituição*, como diziam os versos de pé quebrado, cantados pelos operarios da Vista Alegre, sob a regencia do maestro Berardo, que se viu azul para os chegar á afinação.

João Alguem, ao compasso do hymno, lá marchou atraz da phylarmonica para a Estação. O apertão era enorme e, em bicos de pés, entallado contra o muro, via desfillar pelo carreiro, aberto pela policia na massa curiosa pela multidão, varias *cartolas* de cavalheiros, cujas caras não conseguia descortinar e penachos ondeantes de militares que chegavam para a recepção.

A corneta da *gare* toca. E' o rei que chega breve. Ouve-se apitar o comboio ao longe, n'um silvo estridulo, e a machina, resfolegando, expirando fumo, potente e forte nas suas engrenagens de aço, avança pela linha em grande velocidade, até estacar, quasi de subito, pela pressão automatica dos freios.

As phylarmonicas tocam o hymno, o minusculo presidente da camara de Aveiro levanta um *viva ao rei*, que se perde no murmurio curioso dos convidados e o rei, um pouco temeroso, desce da carruagem, seguido pelo presidente do Conselho, de pachidermica face bonacheirona, sorrindo makavencamente, á Pangloss.

Outros dignatarios, empenachados ou não, vão descendo e emquanto o foguetorio estoira e os trombones sopram o hymno, o cortejo forma-se atabalhoadamente e sae da Estação.

João Alguem deixou-se ir na onda, perdido já da familia, nas correntes da multidão avida de avistar a Magestade a quem se *esquecera* de soltar vivas e de tirar o chapeu.

Esteve prestes a ser atropellado por um cavallo da Municipal, vinda do Porto, que policiava aos pinotes, na fórma do costume, apanhou algumas pizadellas, mas, sem avaria de maior, chegou aos Arcos, aonde os *fidalgos* se juntavam e discutiam a vinda do moço rei.

Um administrador de concelho, de claque prehistorica, sentia-se *maçado* e protestava que já nem ia á recepção da Camara, quanto mais ouvir o latim do *Te-Deum* e um deputado da nação, pae da Patria em férias, gesticulava, verboso, impingindo aos curiosos o seu programma de democracia monarchica, com tanto que o deixassem usofruir commodamente o seu pingue emprego.

João Alguem, fumava um cigarro á esquina e ouvia a discussão aborrecido, um pouco já nostalgico da póda da latada, que lhe dava sombra ao pateo nos quentes dias do sol do estio e da familia que não apparecia.

—Que grandes *gajos*, ruminava alle. Se lhe mettessem uma enchada nas unhas eu queria vêr o *palanfrorio*...

Interrompeu-lhe o monologo uma palmada no hombro. Era o *Commendador* que familiarmente o tratava, como a uma besta a quem se dão palmadas na garupa.

—Olá João. Então tambem viestes vêr o nosso rei?...

—E' verdade. A cachopa atazanou-me a paciencia e cá estou, mas ainda mal o enxerguei. Agarrou-se ao carro, como uma *carraça* á orelha d'um perdigueiro, um *casaca* que ía aos vivas, com as *betas* a dar a dar, e mal lhe puz os olhos em cima.

—Que tal te pareceu?

—Amarellito, coitado, como quem tem terçãs. Que elle tambem com tanta festa já deve andar moido e com vontade de mandar aquelles figurões todos para o diabo que os carregue. Dão com elle em tysico.

—Bem. Toma lá dois tostões para uma pinga e logo é dar vivas quando o vires, e o teu rapaz que berre tambem.

—Muito origado a Vossa Senhoria.

E o *Commendador* virou-se para o grupo dos *fidalgos* onde acaloradamente se discutia a fria curiosidade da multidão.

—O quê, Vocês querem manifestações antes de jantar? De mais a mais, com tanto dinheiro da subscripção nem ao menos reservarem uns mil réis para a *pinga* foi grossa asneira.

—Lá está a academia, a *briosa*, para fazer de rastilho, commentou ironicamente um republicano.

—Ora a *briosa!* Uns fedelhos que, com a isca d'um feriado, até são capa-

zes de dar vidas a D. Sebastião ou á imperatriz da China.

E como a dar-lhe razão do dito, dois, de capa e batina, passavam, braço dado, tranteando:

E viva a pandega
O' Zé, ó Zé
Este friado
Soube q'inté...

e lá se sumiram na multidão que enchia a ponte dos Arcos.

* * *

A tia Maria appareceu afinal com a filha a reboque, chorosa ainda por ter perdido uma chinella no apertão, e que, de boa vontade, trocaria agora por todos os reis do mundo. Não lhe faziam outra por menos de 450, o que representava tres dias de trabalho, ou mais, a apanhar pasto para os bois nas vessadas do *Commendador*.

E ella que as guardára na gaveta da commoda, embrulhadas em papel de seda para as estreiar n'aquelle dia!

—Bem, não te amofines, rapariga, diz o João Alguem. Encommenda-se p'ra feira dos 13. Vamos ao jantar que ahi trazes na sacca, que quem paga hoje o vinho é o patrão. Inda agora me deu dois tostões para eu dar vivas. A pataco cada um são nada menos de cinco. Se elle m'os pagasse, a vintem que fosse, inda hoje arranjava para uma junta de bois. O rei tambem agora foi almoçar e já devia estar com um boccado de larica, porque, com certeza, não comeu duas sardinhas como nós logo pela manhãsinha. O Manel é escusado esperar por elle. Hade andar atrellado á cachopa e então *direita rodar*, como inda agora dizia um official na Estação.

Entretanto organisava-se o cortejo fluvial. Nas aguas mansas da ria barcos saleiros, com disticos á prôa, esperavam os convidados. Vereadores das camaras do districto formigavam já por entre a multidão. Havia de todas as nuances, desde o janota d'aldeia, que aproveitára a occasião para vestir a casaca nova, até ao edil sertanejo de cartola antiga como um fossil, dando ao demonio a estopada, que lhes pregára a circular do governo civil. «Mas, que diabo, o amigo Conde d'Agueda tambem estava sempre prompto para lhes aturar as maçadas, serviçal e prasenteiro, para o que fosse preciso, bom procurador, como nenhum outro, do favoritismo monarchista.» E lá foram quasi todos para a ponte da Gafanha esperar o rei que d'ahi a pouco passava, encaixotado n'um automovel, pondo a vidraça do vehiculo a empanar a curiosa retina da multidão.

Sua majestade, por certo, achou bello o panorama da ria, pela tarde serena, diaphana e calma, os largos horisontes illuminados pelo sol que ia declinando sobre o mar, os montes de sal semelhando as tendas d'um grande exercito em campanha.

Essa pantheista suggestão das bellezas da ria, em que a largos haustos se respira o bom ar trasido pelos ventos do largo, em que a alma se sente como que invadida pela pureza da athmosphera, em dias suaves como aquelle, impressionou tambem a multidão. E, quando o cortejo fluvial voltou, os barcos engalanados, os vellas brancas a destacar-se nas tintas melancholicas do crepusculo, um arrepio de enthusiasmo encheu os corações. Mas, a personalidade d'el-rei, em pé, á prôa d'um saleiro, nada mais era que um incidente na gloriosa majestade do scenario. As palmas, os gritos de enthusiasmo não eram ao rei, ao pobre moço, pallido e franzino, ephemero como o symbolo d'uma idéa caduca já, mas sim á triumphal belleza, ao bom sol, á athmosphera embriagante, salina, capitosa, á grande alma pantheista, immortal da Natureza creadora.

Isto mesmo, na sua linguagem rude me dizia o João Alguem, alegre um pouco, após o jantar bem regado, á custa dos dois tostões do *Commendador*.

—Eu nem vi o rei, dizia elle, mas senti cá dentro em mim uma *coisa* a dizer que gritasse, que desse palmas. Eu de *politicas* não entendo nada e cá para mim o rei é um rapaz como os outros e nem trocava o meu Manel, por uma duzia de Maneis como elle. O meu, ao menos, sabe agarrar na enchada e é elle quem hoje mais trabalha para a casa. O rei, coitado, eu aposto em como não era capaz de plantar meia cento de couves nabiças sem estar a botar os bofes pela bocca fóra. Sabe que mais, vou ouvir um boccado de musica ao largo da cadeia emquanto se accendem as illuminações.

E o tio João Alguem, com a familia a reboque, largou para o Largo Municipal, onde a estatua do grande tribuno se ergue apontando n'um largo gesto o lyceu, convertido em cosinha real n'aquelle dia de palaciana festa.

Não mais o encontrei, n'esse dia, mas no seguinte, manhã cêdo, lá o vi na contínua faina, em mangas de camisa a podar a latada, emquanto o filho, de tez morena, enchada ao hombro, alegremente partia para o campo.

—Então hontem não o tornei a vêr.

—Ora que quer Vossa Senhoria? A cabeça já me andava um pouco á roda, com tantas luminarias e foguetes. Era o nosso dinheiro a arder, como lá diziam, mas o que é verdade é que era lindo.

Que eu não dei nada para as festas, mas elles lá se encarregarão d'augmentar as decimas. Ainda fui á estação mais o meu rapaz, cada um com o seu archote, porque á noite encontrei o *patrão* que vinha de jantar com o rei, e como quero vêr se o meu Manel, para o anno livra das sortes, fiz o que elle me mandou. Dei vivas, até ao Sôr Jayme Lima com quem elle me parece que anda pouco *catholico*. Foi uma reinação. Pena foi ser á semana, porque perdi um dia de trabalho, mas emfim, um dia não são dias, e quando vier a Republica, como Vossa Senhoria quer, lá me tem tambem se tiver vida e saude. Mas então com mais vontade, cá mais do coração, porque ainda o meu rapaz uma d'estas noites ahi esteve a lêr n'uma gazeta, que agora as festas eram ao rei, mas depois as festas hão-de ser a nós todos, ao Povo, que se amofina e súa para ganhar o pão nosso de cada dia.

E o meu visinho João Alguem, embrulhando um cigarro, rematou:

—Que eu, como lhe disse, de *politicas* não entendo nada, mas olhe que é triste vêr por ahi tanta gentinha a morrer á mingua, sem um farrapo para vestir, emquanto os *figurões* passam a vida em festas. Olhe, ainda agora mandei a minha cachopa levar os restos do nosso almoço, ali á minha visinha Joanna, que depois que o homem lhe morreu no mar, por ahi traz os filhos a pedir, que mettem dó. Mizerias da vida.

Lá no alto o bom sol sorria e eu, tristemente, tendo-me despedido do tio João Alguem, mentalmente ia repetindo a sua ultima phrase—mizerias da vida!

João Ninguem.

Litteratura

Não julguem que se trata d'alguma obra nova ou que se trata d'alguem que se dedique a essas coisas, que queime as pestanas a lêr e relêr, que se esforce por assimilar, etc, etc. Não, senhores; trata-se do Moreirita. O Moreirita sahiu-nos á ultima hora—uma litteratura.

«*Quem me dera ter um castello...*» e o Moreirita cita Michelet—*o meu patrão não é um bicho*—já o disse Michelet.

—Que era esse sr. Michelet, Moreirita?

O Moreirita responde:—um *monsiú* que escreveu coisas que os outros teem lido.

«*...Oh Lua, eu te contempêllo!...*»

Eleições parochiaes

Realisaram-se no ultimo domingo em todo o paiz as eleições das juntas de parochia havendo lucta renhida nas localidades onde os republicanos foram á urna, mormente em Lisboa e Porto.

N'aquella cidade onde, como se sabe, o partido republicano constitue uma força invencivel, tendo eleito já a vereação municipal inteiramente sua, das 41 freguezias de que ella se compõe apenas os monarchicos ficaram com 9 juntas, cabendo, portanto, aos nossos correligionarios a victoria das restantes 32.

Emquanto ao Porto, se outro tanto se não póde dizer, isso, porém, em nada influe na marcha do partido que está bem longe de atravessar a crise que os monarchicos apregoam.

Roubado no recenciamento eleitoral, guerreado por todos os processos, ainda os mais ignobeis, de que lançaram mão os monarchicos de todas facções, não deve ser para admirar a derrota em taes condições. Ainda assim muito fizeram os nossos correligionarios da invicta cidade conseguindo a honrosa votação de que os seus diarios deram conta.

*

Para as duas freguezias d'esta cidade foram eleitos, sem opposição, os seguintes cidadãos:

GLORIA

Effectivos — Albino Pinto de Miranda, Manuel Augusto da Silva, Florentino Vicente Ferreira e Caetano Christo.

Substitutos — João Vieira da Cunha, Antonio Vieira dos Santos Junior, Alberto João Rosa e Arthur Trindade.

A nossa transigencia

Houve quem fizesse reparos á nossa attitude nas festas e quem estranhasse vêr-nos no meio dos monarchicos.

Quem se encarrega destes serviços de jornaes tem de estar em toda a parte e em toda a parte tem de corresponder ás deferencias com que é recebido.

Intransigentes como sômos, prezamo-nos de ter esta transigencia com toda a gente—delicadeza e boa educação.

Incedios

Motivado, segundo se presume, pela queda d'um foguete de lagrimas, ardeu na sexta-feira da outra semana um prqueno casebre situado no campo do Rocio onde estava installada a cocheira do sr. Manuel da Venda. Salvou-se tudo o que lá existia dentro á excepção d'alguns fardos de palha.

*

No domingo á noite maifestou-se tambem fogo no predio n.º 118 e 120 na rua Direita habitado pelo sr. Manuel da Silva Córado e familia em cujos baixos estava installada a relojoaria de que o mesmo senhor era proprietario.

O incendio tendo principiado no estabelecimento, sem que contudo se conheçam as causas que lhe deram origem, rapido passou ao primeiro pavimento superior, sendo n'essa occasião que um transeunte chamou a attenção na pharmacia Ribeiro, que fica proxima do predio referido, para o caso extranho d'uns estalidos que se ouviam e que eram produzidos pelo madeiramento a este tempo já em chammas.

Dado o signal de alarme, a breve trecho appareceram os soccorros começando o fogo a ser atacado pelos bombeiros com agulhetas, ao mesmo tempo que eram retirados do predio incendiado varios objectos pertencentes ao inclino, mas que em consequencia da grande precipitação com que eram arremeçados á rua, de pouco ou nada valeu o seu salvamento por se terem deteriorado quasi por completo. Está-nos a parecer que se houvesse mais ordem e desciplina da parte da companhia dos bombeiros, o que poucas vezes se tem observado, não se dariam muitos dos factos sensuraveis que a opinião publica aponta e que, francamente, não honram nada uma corporação prestimosa como devia ser a dos Bombeiros Voluntarios.

Convençam-se todos d'uma coisa: sem disciplina não ha ordem e sem ordem nada se póde fazer que geito tenha muito embora haja boa vontade em prestar bons serviços nos sinistros como aquelle a que nos estamos referindo. E' preciso ponderar e ponderar bem este assumpto para que de futuro não haja motivo para mais insinuações.

Como dizemos acima, o fogo que já havia tomado certo incremento na loja onde principiou, começou a ser combatido por duas agulhetas e foi devido certamente á grande abundancia d'agua que elle poude ser localisado sem que, contudo, attingisse o primeiro andar.

No entanto os prejuizos do inquillino são bastante grandes sendo cobertos pela companhia de seguros *La Union e El Finix*.

A casa, que pertence á familia do sr. dr. Tavares Lebre, soffreu bastante damno e não se encontra no seguro.

O serviço de policia foi pessimamente feito, o que, tambem, não é nada de admirar.

A mensagem da academia

Costumam chamar-se pastelões estas mensagens ao chefe do estado, quando conselheirais e bojudas como o portador duma commenda. Esta não senhor, não é pastelão.

E' doce de convento, não ha duvida; apparencia honesta, com resaibos de santidade de noviça casta, mas pastelão não é.

Tem qualquer coisa das lições de semana santa; mau lamentação de Jeremias propheta com versiculos de psalmos de David e uma invocação ao ceu extrahida dos folhetos do Apostolado da Oração.

Redigida talvez em algum claustro ao toque das matinas, por entre nuvens de incenso e mastigações de breviario, não ha nada de mais retrogrado, semitico e bolorento.

Molho litterario já dessorado como essa imagem da nau do estado, que entra em todas as cartas dos moços de padeiro politico ao felicitarem os mordomos da festa da terra.

Ora bolas!

Um mar verde encapellado, ameaçando subverter o fragil baixel, uma procella a rugir e a figura do rei na tolda a arribar a porto de salvamento! Logar commum ridiculo para quem cursa um lyceu e já se deve ter orientado n'um certo bom gosto de que carece a mais humilde producção litteraria.

Nem uma ideia moderna. Nada de fresco, varonil e sanguineo como a juventude cheia de alegria e aspirações.

Aquelle Anjo tutellar das nações e a invocação ao ceu para que inspire o Senhor, são do tempo dos Affonsinos academicos.

Hoje os povos não se governam com anjos tutellares nem com inspirações do ceu — governam se segundo ideias definidas de liberdade e progresso, com normas ponderadas de economia e preceitos d'uma sciencia que se chama Politica, sciencia positiva, que Augusto Conte incluiu no numero das sciencias sociais no seu grande trabalho de systematisação.

Mas teem razão, isso não é para lyceu; contudo aprendemos.

Não é uma figura pallida e serena de creança que salva um povo em uma crise como a que nós atravessamos, crise moral e politica sim, mas especialmente economica.

Não é essa figura pallida e serena que satisfaz com seus sorrisos os nossos crédores, que fomenta o desenvolvimento da nossa industria, que promove o melhoramento da nossa praça e commercio, que firma o nosso dominio colonial e põe a direito toda a nossa administração.

Isso hoje, academicos, ensina se nos conventos... de freiras só. Se tivessem dito ao rei só isto — sêde bem vindo! — teriam dito mais e melhor do que em toda essa oração sem gosto e sem ideias.

Bombeiros

Tem razão o nosso collega o *Districto*. Os bombeiros devem tomar mais a serio a sua missão e deixarem-se de tanta recepção, de tanto cortejo, de tanta marcha e sobretudo de serem *pau para toda a colher* nas mãos dos promotores de festarólas.

Corporações serias e respeitaveis como a dos bombeiros, querem se muito no seu logar.

Dito de fim

Não vai no fim, mas é de lá. Num grupo de meninas muito monarchicas, dizia uma:—no programma das festas, faltou um numero.

— Qual era? inquiriu segunda.

— Sua Magestade devia estar exposto durante algumas horas para receber todos os carinhos que merece e logo outra atalhou:

— Eu devorava o com beijos!

Cuidado, sr. Abilio Magro, está aqui uma Buissa de nova ideia

---

Foi nomeado professor interino do lyceu d'Aveiro o snr. João Moraes Zamith, capitão de infanteria n.º 24.

Reparando

para o que o sr. Francisco Regalla diz no *Districto*, commemorando a visita do rei, observa-se um odio, um rancor pouco razoavel aos republicanos e ás suas nobres ideias de rehabilitação nacional.

Fazem-lhe mal ao sr. Regalla os comicios republicanos por causa das desordens que originam. Tem razão o arrojado marinheiro. Aquelle comicio do Porto, nem teve concorrencia, nem teve ordem. Foi uma zaragata em que o *fadista* Brito Camache pegou á naifada com outros de egual jaez.

Diga lá pelas suas notas sr. Regalla, quantas pessoas assistiram aos comicios do Porto e Coimbra, já que está tão bem informado?

Onde foram as festas do rei perturbadas pelos republicanos?

Nós deturpamos a verdade! pois o sr. Regalla não confessa que nós publicamos *a verdade reconhecida por tal?*

Se o sr. Ferreira do Amaral argumentasse assim, ai da monarchia e... da nau!

O côro das escolas

Um fiasco e uma vergonha.

Desafinação e barafunda semelhante nunca ninguem viu. Um musico do 14, fez do orpheon este elogio: «pódem limpar as mãos á parede.»

O que é preciso é mais senso da parte dos que dirigem e nós achamos conveniente não tornar as festas das creanças tão vulgares, e sobretudo tão ridiculas.

Tudo, menos exhibições assim grotescas e caricatas das escolas, dos professores e das creanças.

O Cazémiro

Conhecem-no? E' aquelle que ainda ha pouco dizia peremptoriamente que não acceitava o cargo de vice-presidente da academia porque teria de beijar a mão ao rei e isso não estava em harmonia com os seus principios accentuadamente democraticos. E' aquelle que dizia que por principio nenhum seria monarchico, que tinha grande influencia na terra, que dispunha de bastantes votos e que esses estariam sempre ao dispôr dos republicanos.

Pois o Cazémiro é tambem aquelle que tomou parte em todas as manifestações academicas, soltando vivas phreneticos a sua majestade e á monarchia. E' ainda aquelle que respondia ás justas censuras de quem tinha trahido, com um adeus cobarde e indigno de quem é já pela edade responsavel pelos actos que pratica.

Ora, sr. Cazémiro, sabe que mais? Já lhe démos muita importancia.

***

Dr. Barbosa de Magalhães

O *Mundo* publicando ha pouco o parecer d'este notavel jurisconsulto sobre a eleição municipal de Lisboa, fal-o acompanhar de elogiosas referencias ao sr. dr. Barbosa de Magalhães pelo seu fundamentado trabalho juridico e pela independencia profissional que mostrou possuir, dando-o á publicidade para que de todos fosse conhecido.

Sem outro intuito que não seja o de prestarmos tambem a nossa homenagem a quem tão conscienciosamente se collocou n'este momento ao lado da rasão e da justiça, d'aqui enviamos ao sr. dr. Barbosa de Magalhães a expressão do nosso apreço pela sua desassombrada attitude.

AGRADECIMENTO

A Direcção da Associação de Classe dos Operarios Constructores Civis e Artes Correlativas, vem por este meio agradecer muito reconhecidamente ás Associações locaes que a honraram, fazendo-se representar na Conferencia realisada no dia 21 do corrente, assim como á imprensa local que noticiou a Conferencia e n'ella se fez representar.

Aveiro, 30 de Novembro de 1908.

A Direcção.

ANNUNCIOS